

*Ana Maria Maçalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**

na Madeira

*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

CAMINHO

Capítulo 1

Faltam 5 segundos!



— Faltam 5 segundos para começarem as férias!

No meio da barafunda ninguém saberia dizer quem fora o responsável pela «proclamação da liberdade», mas puseram-se todos a fazer a contagem regressiva em altos berros.

— 5... 4... 3... 2... 1... 0! Êêê!

— Féérias! Férias! Férias!

A alegre gritaria espalhou-se aos quatro ventos por cima do campo de jogos do Clube Sport Marítimo onde se tinham reunido equipas do país inteiro para um encontro de desporto escolar.

— Que ideia fantástica trazerem-nos para aqui nos últimos dias de aulas — disse a Teresa. — Estou a adorar.

— Não és a única — respondeu-lhe a irmã. — Acho que toda a gente adorou.

De facto, a estada na Madeira não podia ter corrido melhor. Tempo estupendo, gente descontraída, as diferentes provas a correrem lindamente, taças e medalhas com fartura para todas as modalidades, um êxito.

O Chico aproximou-se com um sorriso de orelha a orelha, pronto a gabar-se a si próprio.

— Acho que a minha atuação foi decisiva para a equipa da nossa escola subir ao pódio três vezes.

— Está-se mesmo a ver que sem ti era o desastre completo — ironizou o Pedro, também delirante, a suar em bica e de cabelo empastado sobre a testa. — Se quiseres vou ali ao microfone lembrar que és o maior.

Os outros riram-se e João, vendo-os tão satisfeitos, juntou-se ao grupo.

— Estavam a falar de quê?

— Das proezas do nosso campeão.

— Que, por acaso, sou eu.

A risota continuou entre eles e entre os muitos rapazes e raparigas que confraternizavam no final dos campeonatos. Mas o programa daquela viagem à Madeira não acabava ali, porque os organizadores

tinham tido outra ideia ótima: os participantes que quisessem podiam ficar na ilha mais algum tempo, distribuídos por casas de famílias que aceitavam acolhê-los. Como estava a chegar a hora de saberem para onde iam, as gémeas interrogaram-se:

— Para onde será que nos mandam?

— Vocês ouviram alguma coisa sobre a família que nos calhou?

— Não. Mas acho que só pode ser gente simpática — disse o Pedro.

— Porquê?

— Porque os outros pais só quiseram um ou dois participantes, no máximo três, e estes acederam ao nosso pedido e abrem a porta a nós os cinco.

— Isso não significa necessariamente que sejam simpáticos. Podem ter uma casa enorme e serem insuportáveis.

— Ó Luísa, que estupidez!

— Estupidez, nada. Ora imagina lá que são dois velhotes num casarão a cair aos bocados, cheio de teias de aranha e de baratas, que só nos querem lá para ajudarmos a limpar tudo e a matar a bicharada?

Os rapazes ficaram tão assombrados com aquela hipótese que nem lhe respon-

deram, mas a Teresa, habituada a encadear as suas ideias com as da irmã, deu logo uma alternativa.

— Também pode ser uma família com montes de filhos e nesse caso tanto lhes faz ter lá mais cinco ou menos cinco.

— Pois — acrescentou a Luísa. — E se os filhos forem pequenos e infernais talvez estejam a contar connosco para tomar conta da criançada.

— Ou então...

— Stop, gémeas! Parem de inventar. Quando se tratou da viagem, vocês ficaram entusiasmadíssimas com a proposta de começar as férias em casa de madeirenses.

— E tu, Luísa, elogiaste imenso os organizadores por se terem lembrado de que seria interessante conhecermos a ilha de uma forma mais pessoal — lembrou o João — porque, além dos passeios turísticos, vamos partilhar vida em família.

— Resta saber que tipo de família é — resmungou ainda a Teresa.

— E não falta muito — respondeu-lhe a irmã em voz baixa. — Vão começar a entregar-nos.

O microfone que servira para chamar os vencedores ao pódio estava agora nas mãos de um senhor de cabelo branco e voz suave.

— Caros amigos, chegou o momento de nos despedirmos. Depois destes dias em que quase não saímos das instalações do Marítimo, vou entregar os participantes que ficam na ilha às pessoas que amavelmente se dispuseram a recebê-los. Começo ali pelos irmãos Rebelo.

Dois rapazes ainda equipados para jogar futebol avançaram sobre o relvado e na bancada levantou-se um casal acompanhado pela filha, linda de morrer, que a voz suave apresentou ao microfone.

— É a Rosarinho.

«Sortudos!», pensou o Chico. «Que sortudos!»

Proseguiu o chamamento, entremeado de piadas e de palmas. O relvado foi-se esvaziando, o grupo deles, talvez por ser o maior, ficou entre os últimos.

— Gémeas Teresa e Luísa, Pedro, Chico e João...

Quando finalmente ouviram chamar arregalaram-se para a bancada e viram erguer-se um rapaz que devia ter a idade

do João acompanhado pela mãe. Um pouco embaraçados, avançaram na direção deles. A senhora cumprimentou-os um por um com vigorosos apertos de mão que significavam «olá» e «adeus».

— Desculpem, mas estou cheia de pressa. Vocês ficam com o Vicente. Está lá fora um dos nossos motoristas para os levar à quinta. Tornamos a ver-nos à hora do jantar. — Esboçou acenos amigáveis e desapareceu, no andar rápido e enérgico de quem não gosta de perder tempo.

— O melhor é habituarem-se desde já, porque a minha mãe é sempre assim. Não para quieta, faz quatrocentas coisas por dia, trabalha que se farta.

— Em quê?

— Na agência de turismo que montou há seis anos. Fez obras na quinta onde vivemos para poder receber hóspedes, comprou carrinhas e organiza passeios pela ilha, piqueniques, festas típicas, enfim, apesar de ser filho único e não ter primos, a minha vida é uma animação.

— Ainda bem — disse o Pedro.

— E ainda bem que vieram — respondeu o Vicente. — Porque assim, pelo

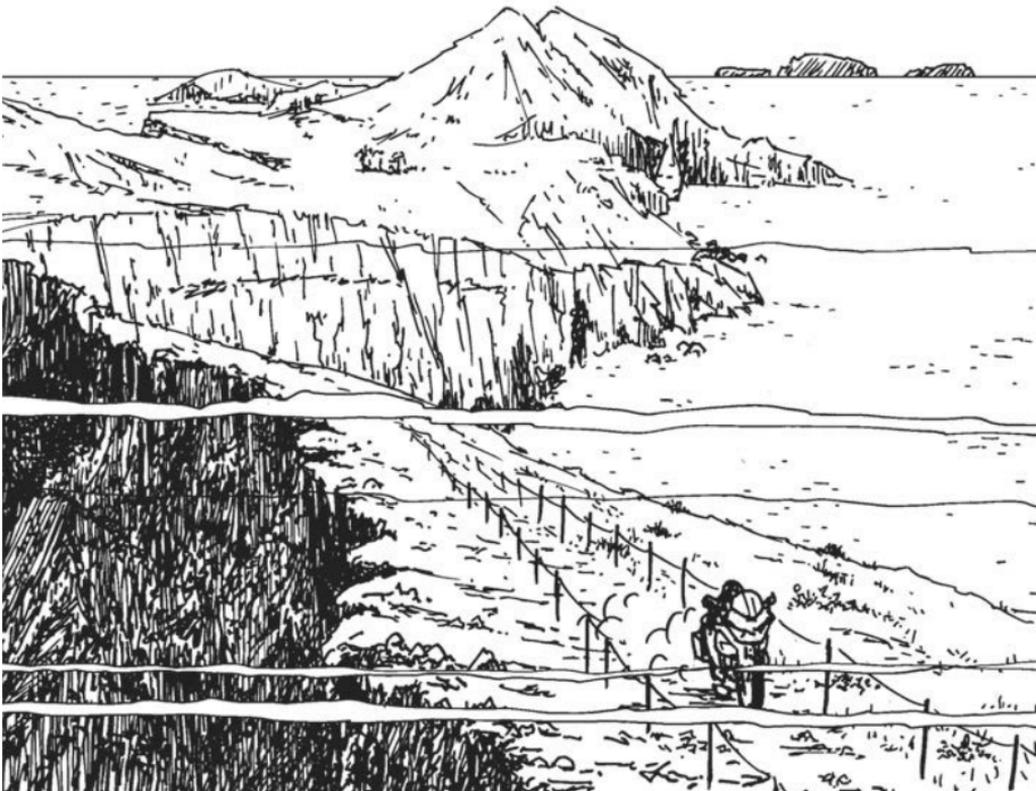
menos durante alguns dias, faço de conta que tenho cinco primos a passar férias comigo.

Os olhos claros iluminaram-se numa expressão que a todos agradou.

«Afinal tivemos sorte», pensaram as gémeas e pensaram os rapazes. «Que bom!»

Capítulo 2

Sinapidendro?



A carrinha que os esperava lá fora era branca e tinha o nome da agência de viagens pintado nas portas: VIAGIX.

— A minha mãe escolheu este nome porque acha que chama clientes.

— E deve ter razão. É chamativo.

Pedro falara no tom de quem quer ajudar a estabelecer um ambiente de camaradagem total o mais depressa possível, e os outros acenaram que sim. Tinham acabado de empilhar as mochilas e preparavam-se para tomar assento, quando Vicente perguntou:

— O que é que já viram da ilha?

— O mar — responderam as gémeas em coro.

— O mar?

— Sim. Porque o Marítimo tem instalações para estagiários e nós, por acaso, fomos seleccionados para dormir lá.

— Os que dormiram fora também não passearam. Este encontro foi à séria, com muitos treinos, muitas provas.

— Por isso ficámos a conhecer muito bem os campos de jogos e cada recanto do edifício. Nos momentos de pausa, relaxávamos no jardim ou nas varandas em frente ao mar.

— Nesse caso, têm de me dizer onde querem ir.

— Queremos ver a ilha de uma ponta à outra!

Vicente achou graça à exclamação entusiasta do Chico, ficou uns segundos pensativo, depois fez-lhes sinal para se sentarem e disse ao motorista:

— Mudança de planos, Aniceto. Por favor leve-nos à Ponta de São Lourenço.

Recostados nos bancos, entregaram-se ao prazer imenso de dar descanso ao corpo e ao espírito. Tarde linda, paisagem magnífica, nenhuma tarefa a cumprir, que delícia. À medida que se afastavam da cidade iam passando ora por túneis ora por zonas cada vez menos povoadas. Aniceto, habituado a conduzir turistas, sentia-se na obrigação de dar explicações sobre os sítios que atra-

vessavam e ainda disse algumas frases que eles não ouviram porque se tinham deixado embalar por pensamentos dispersos e apetecia-lhes viajar em silêncio. O mar, sempre presente do lado direito, estava de um azul tão forte e brilhante que lhes prendia o olhar. E sobre as águas, a uma certa distância, três pequenas ilhotas de pedra espicaçavam a imaginação.

— Vive ali alguém? — perguntou a Luísa.

— Não, aquelas são as Ilhas Desertas.

— Tem graça, à medida que avançamos parecem mudar de feitio e de lugar.

— Ilusão de ótica — comentou o Pedro. — No entanto, a maior nunca perde o ar de mesa de pedra gigantesca.

— Colocada no oceano para um banquete de gigantes?

— Boa, João. E se abrires bem os olhos podes ver que a toalha da mesa vem a caminho.

De facto, uma névoa branca cada vez mais espessa tinha descido sobre as Desertas e já lhes cobria a parte de cima.

— Está a formar-se nevoeiro.

— Que pena!

— Não acho. Dá um ar misterioso à paisagem.

— Continuamos? — perguntou o Aniceto.

— Sim. Enquanto for possível, sim. Só se ficar nevoeiro cerrado é que voltamos para trás.

As gémeas sentiram um arrepio, que atribuíram à humidade e à baixa temperatura. Convencidas de que aquele passeio seria afinal breve e sem peripécias para recordar, vestiram os casacos de malha. Aniceto, debruçado sobre o volante, guiava agora com maior cuidado.

— Não há nada mais traiçoeiro para um motorista do que o nevoeiro.

— Mas nesta estrada quase não há movimento.

— Pensar assim é que nos trama. Quando menos se espera aparece outro carro e «pam!».

Devagarinho devido à pouca visibilidade, conduziu-os até ao limite do alcatrão, que não atingia exactamente a Ponta de São Lourenço.

— A partir daqui só a pé. Mas com um dia assim vale a pena?

— Talvez não. Em todo o caso apetece-me esticar as pernas.

Chico abriu a porta e não resistiu ao caminho estreito e pedregoso que se estendia por entre as névoas. Não andava por ali mais ninguém, só se ouviam guinchos de pássaros invisíveis e a respiração cava das ondas do mar. Os amigos seguiram-no, todos com a mesma sensação de estarem a ser absorvidos por uma atmosfera prodigiosa onde tudo podia acontecer. E não é que aconteceu mesmo? De repente captaram o som característico de um barco a motor. Aproximaram-se da beira-mar e depararam com um barco pequeno, que fora puxado para terra pelo seu único passageiro.

— Que estranho — disse o Vicente.
— Não é nada costume virem barcos para esta zona. O habitual é atracarem no Cais do Sardinha.

— Pois este resolveu atracar sozinho e, pela maneira como se movimenta, não me admirava que ande para aí a fazer qualquer coisa proibida.

A observação de Pedro tinha razão de ser, pois o homem desembarcou encolhido



QUE ESTRANHO !
NÃO É NADA COSTUME VIREM
BARCOS PARA ESTA ZONA !



POIS ESTE RESOLVEU
ATRACAR SOZINHO. NÃO ME
ADMIRAVA QUE ANDE POR AÍ
A FAZER QUALQUER COISA
PROIBIDA...

e cabisbaixo, como se quisesse passar despercebido. Transportava um saco escuro a tiracolo, que protegia com o braço esquerdo.

Ficaram a observá-lo muito quietos e em silêncio. Não sabiam se reparara neles mas concluíram que não, pois trepou a ladeira sempre de costas e quase desapareceu no nevoeiro. Ainda assim ouviram-no repetir em voz alta palavras numa língua que nenhum deles identificou. Depois perceberam que tinha uma moto ali adiante porque ouviram o ronco do motor e logo a seguir viram-no acelerar a grande velocidade pelo caminho destinado a peões.

— É louco — disse um.

— Ainda se estampa. E vai ser uma complicação prevenir a família, que só pode viver num país distante porque ele fala uma língua esquisitíssima. «Sinapi... sinapidendo...» Que língua será?

— Macarrónico?

A resposta pronta do Chico desencadeou risos e devaneios

— Lá na macarronaria?

— Ou no macarroneu?

— Para mim, o país é macarrúnio!

De volta à carrinha, deram com Aniceto a ajeitar o cabelo diante do espelho retrovisor. Como não tinha pente usava apenas as mãos para esticar uma madeixa à maneira do seu ídolo e ia comparando o efeito com um retrato de Cristiano Ronaldo que tinha junto ao volante.

— Que tal? Fiquei parecido com o nosso futebolista? — gracejou.

— Parecidíssimo!

— Querem ir embora?

— Sim.

— Então instalem-se.

Pedro deixara-se ficar para trás porque fora o único a ver que da mala da moto tinham voado uns papéis. Apanhou-os. Dois eram apenas folhas brancas, mas o terceiro, uma folha grossa amarelada, tinha uns desenhos intrigantes.

«Vale a pena examinar isto com calma», pensou. «Mas talvez seja preferível esperar melhor ocasião.»

Melhor ocasião significava estar sozinho com os amigos, pois ainda não conhecia bem o Vicente e muito menos o Aniceto. Dobrou a folha em quatro e meteu-a no bolso. Quando entrou na carrinha disse

uma frase que todos julgaram dever-se apenas ao nevoeiro e à inesperada presença do motociclista suspeito que talvez nem tornassem a encontrar.

— Isto promete!

— Ah! Se promete! — respondeu logo o Chico. — Tenciono aproveitar estas férias ao máximo.

— Sempervivi...

— Hã?

— Semper vivi.

— O que estás a dizer, João?

— Não faço ideia. Só repeti outras palavras que disse o homem da moto.

— Ainda havemos de aprender essa língua — brincaram as gémeas.

Capítulo 3

Um segredo antigo



Pedro demorou a conseguir ficar sozinho com os amigos. Vicente não os largava e, logo que chegaram à quinta da mãe dele, viram-se rodeados de outros hóspedes e de empregados.

A quinta era lindíssima. Situada na encosta sobre a cidade do Funchal, tinha uma vista esplêndida. Na casa de família havia quartos preparados para receber turistas. Os antigos anexos, onde se guardavam animais, enxadadas, ancinhos, etc., estavam todos transformados em pequenas casinhas também para turistas, os *bungalows*.

A dona da quinta, que os acolhera cheia de pressa no Marítimo, chamava-se Aida, era uma simpatia e explicou com absoluta sinceridade.

— O Vicente é filho único, não tem primos, os amigos nesta altura vão sempre